

SOBRE ARTESÃOS E OFICINAS: PEDAGOGO SOCIAL UM ARTÍFICE EDUCAÇÃO¹

Margareth Martins de Araújo²

RESUMO: O presente artigo é fruto de reflexões acumuladas ao longo das últimas décadas de pesquisa na área de Pedagogia Social. Guarda diálogo sobre atividades de oficinas e ampliação do seu conceito para metodologia teórico-prática, sendo um instrumental importante à formação do Educador Social. Inspirado pela lógica da inclusão, contém reflexões oriundas de práticas voltadas à emancipação humana, pautadas na educação como direito, na justiça restaurativa, na pedagogia da convivência e cultura da paz. Examina a assertiva de não haver trabalho manual que prescindia de trabalho intelectual, apontando ser o pedagogo social, antes de tudo, um teórico-prático.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia Social. Formação de Educadores Reflexivo. Justiça Restaurativa.

I - ARTÍFICES: MATÉRIA PRIMA DA ARTE DO SABER-FAZER

Procuro ser um artesão das palavras. Escrevo e reescrevo continuamente cada parágrafo, dia e noite, como fosse um escultor compulsivo. (Augusto Cury)

Somos integrantes do Grupo PIPAS-UFF (Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Formação Inicial e Permanente de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Jovens e crianças em Situação de Vulnerabilidade Social). Formamos educadores sociais há dezoito anos no âmbito da FEUFF (Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense). Para tanto, buscamos compreender o motivo pelo qual, em nossa sociedade, a violação dos direitos humanos ocorre muito antes da entrada das crianças na escola e perdura por toda a vida. Com base neste viés reflexivo

¹ Texto elaborado por ocasião do VI CIPS – Congresso Internacional de Pedagogia Social e Simpósio de Pós Graduação: Abordagens pedagógicas para problemas e conflitos sociais.

² Professora do Departamento Educação Sociedade e Conhecimento (SSE), da Faculdade de Universidade Federal Fluminense.

Professora do PPG (UFF)

Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social da (FEUFF) – Projeto PIPAS-UFF

Coordenadora do Curso de Extensão em Pedagogia Social (UFF)

Coordenadora do Curso de Especialização em Pedagogia Social (UFF)

Editora Executiva da RPS-UFF

Membro da Associação Brasileira de Pedagogia Social (ABPS)

trabalhamos para construir uma formação que considere a exclusão dos excluídos e auxilie no processo de superação das condições de indigência em que se encontram.

Trata-se de uma tarefa desafiadora que, nos instiga cotidianamente, a buscar na realidade de crianças e jovens que estão em situação de vulnerabilidades, camada da população alvo das mazelas sociais, pistas para nos auxiliar a compreender a realidade na qual estão imersos, para melhor formar seus educadores. Desse modo, coloca-se em diálogo a realidade encontrada com a teoria estudada, fazendo do educador social um teórico-prático, comprometido em contribuir para a realização de um processo educativo, que seja dentro ou fora da escola, que se preocupa com a emancipação desses seres humanos.

A abraçarmos a Pedagogia Social como tema de trabalho, foco do nosso interesse e questão reflexiva. Com este trabalho percebemos o quanto precisamos aprender com os sujeitos do flagelo social brasileiro para com eles trabalhar. Trata-se de milhões de crianças e jovens alijados do processo do qual, seus próprios pais e avós, quem sabe também os foram? Por mais que possa parecer uma “questão hereditária”, trata-se de um processo histórico de exclusão que, ao longo dos anos, transforma em marginais seres humanos capazes, competentes e brilhantes.

“Pedagogia Social na Veia: uma pedagogia necessária” é um trabalho que tem circulado pelo Brasil com o objetivo de divulgar a importância da Pedagogia Social, em espaços formais e não formais, como uma pedagogia sensível, humanizada, dialógica, política, teórico-prática e, necessária, para crianças, jovens, adultos, idosos, familiares e educadores.

Trabalhar com oficina em encontros, aulas, seminários e congressos é altamente pedagógico; nos leva à superação, ao novo e à produção científica. Longe de ser uma “atividade menor”, como alguns consideram, ela nos desafia ao diálogo do pensar com o fazer, do ser e do estar, da teoria com a prática. Ao nos colocar em contato direto com os educadores sociais, com os quais trabalhamos, nos chama para a roda e nos convoca ao diálogo. O monólogo não tem espaço nas oficinas e ouvir o outro e considerar o dito, se impõe.

Cabe então perguntar: Qual seria a diferença entre coordenar uma oficina e realizar uma palestra, por exemplo? Seria uma mais importante do que a outra, ou será

mero equívoco das nossas mentes cartesianas a nos pregar uma peça? Existe de fato uma hierarquia na produção da ciência ou trata-se de um engodo ao nos envaidecer? O que de fato ocorre entre uma e outra? Exigem níveis de preparação diferenciados de preparação entre ambas? Há níveis distintos entre o monólogo e o diálogo, ou estamos falando de status acadêmico? O que de fato está em jogo entre uma e outra? Será que é a antiga e equivocada distinção entre trabalho manual e intelectual? Ainda há muito o que examinar nesta questão, mas a Pedagogia Social nos informa não ser de bom alvitre polarizar e sim detectar o quanto uma e outra podem dialogar e guardam mais semelhanças do que dissemelhanças.

Trata-se de uma arena de embates na qual as ideias, como em um caleidoscópio, constroem múltiplas e complexas configurações à medida que os educadores sociais dialogam, ampliam o campo de visão, examinam o conhecimento prático e, produzem teoria. Sim, oficinas para nós, educadores sociais, é uma atividade que traduz um permanente diálogo teórico-prático, e traduz uma forma inovadora de produzir ciência. Cuida-se de um momento altamente desafiador para quem coordena e para os demais integrantes da oficina. É a prova concreta do dito por Freire (2004): “Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes. Aqui todos portam conhecimento a ser compartilhado. Todos são capazes. Todos podem!”

Por *ser* altamente desafiadora, a oficina exige de quem coordena uma postura de humildade perante o seu próprio conhecimento, e exige que ele se abra às novas formas de produzir conhecimento. Exige celeridade e expertise por parte de todos. Agrega talentos e possibilidade. Envolve competências múltiplas e perspectiva de futuro. O correr riscos se faz presente a todo o momento. Lidar com o *dever* se faz necessário durante todo o processo. Exige planejamento e não engessamento.

A oficina assume um caráter social pedagógico ao socializar o conhecimento *in natura*, de forma coletiva e, em seu nascedouro; ao transbordar conhecimento e se reverter em perspectiva de futuro, pois realiza reflexões teórico-práticas, emanadas das mãos dos artesãos que, nela trabalham, com afinco, para o sucesso de educadores e educandos. Ela é fonte de criação, inovação e superação ao nos exortar, a saber, mais e nos desafiar ao infinito.

É uma atividade que não pode ser apenas planejada. Incansavelmente nos exorta a sair da perspectiva cartesiana da nossa formação e ousar a ampliar nossas

próprias habilidades. É nesta hora que, o pedagogo social pesquisador se pergunta: POR QUE NÃO? Assim abrimos um leque de novas e possíveis possibilidades de interligar o mundo, dialogando com ele. É de peito aberto, cômicos de suas possibilidades e impossibilidades as quais nos colocamos nesta metodologia de produção de conhecimento. É de forma humilde e sabedores de que o sabido é infinitamente menor do que o não sabidos.

Nós, da Pedagogia Social, assumimos a oficina como metodologia de estudo, pesquisa, trabalho e produção de conhecimento, por compreender tratar-se de uma atividade que está no mundo e com ele interage de forma a extrair aprendizados. Aprender com o seu movimento, com a sua pedagogia e, em especial, aprender com a sua forma de nos ensinar. O mundo, como um livro aberto, traz a vida como mestra e a oficina como metodologia epistêmica.

É uma honra para nós, da Pedagogia Social, poder contar com uma metodologia de trabalho ousada, integradora e capaz de nos levar ao não conhecido, ao não visto, ao impensado. É desta forma que chegamos a ver, o ainda não visto, e trabalhar nesta direção torna-se um ato de ousadia. É assim que nós, educadores sociais, “lançamos nossa rede em águas mais profundas”, em busca do conhecimento profundo. Concebemos conhecimento profundo como um conhecimento não aparente, não superficial e, de difícil percepção.

II – OBRA DE ARTESÃO

A mente que se abre para uma nova ideia, jamais voltará ao seu tamanho original. (Albert Einstein)

O conceito de vulnerabilidade com o qual trabalhamos aponta para pessoas ou famílias que estão em processo de exclusão social, principalmente por fatores socioeconômicos. O estado de vulnerabilidade social é marcado por condições precárias de moradia e saneamento, os meios de subsistência inexistentes e a ausência de um ambiente familiar, por exemplo. Compreendemos risco social como o período da vida do ser humano, onde há desequilíbrio socioeconômico.

A pedagogia social com a qual trabalhamos aponta para a necessidade imperativa de o educador se interessar pela biografia do educando, buscando compreendê-la e, ao compreendê-la, se responsabilizar por contribuir positivamente com o futuro da mesma. É mais do que transmitir conhecimentos. O que se pretende é, ao transmitir conhecimentos, disseminar valores e educar pelo exemplo. É uma pedagogia que exige convivência e diálogo, acarretando experiência.

O ser humano, independente da classe social, ao longo da sua existência, sempre está exposto a alguma espécie de vulnerabilidade. Nunca há segurança total, certeza total, capacidade total. Há sempre o *dever* a nos espreitar, a nos lembrar do inacabamento e da probabilidade da vida. A pedagogia social trabalha exatamente com este *espaço-tempo*, fazendo-se presente de forma preventiva, processual e curativa quando necessário. Somos, enquanto educadores sociais, artífices do tempo quântico no qual passado, presente e futuro coexistem. Por este motivo ouvir as pessoas e apostar em suas histórias de vida sempre nos importa.

Fiori (2011), nos ajuda a pensar na história de vida das pessoas como um “processo em que a vida como biologia passa a ser vida como biografia” Compreender vida como biografia auxilia ao educador social a construir proposições de atividades que incorpore este conceito como metodologia de trabalho, ampliando a possibilidade de comunicação, locução e interlocução na interação entre os sujeitos da educação.

É uma concepção de educação que, aponta para o compartilhamento de ideias. É um processo através do qual todos têm direito a voz e, a fala funciona como um pleno exercício de *poder ser, poder ter, poder existir*. Falamos sobre uma trilogia que compõe uma atividade pedagógica capaz de pressupor a identidade do ser como fundamento epistêmico e social.

É um processo pedagógico, através do qual, as histórias de vida são valoradas e o aprender a falar é tão importante quanto o aprender a ouvir. A partir desse ponto de vista o respeito pelas histórias e memórias das vidas cotidianas que, se tecem paulatinamente, passa a ser uma importante categoria de trabalho. Saber falar e ouvir nos remete a conversa, ao encontro e ao diálogo.

Para Paulo Freire, ao pôr o diálogo em prática o educador não poder colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhece que o analfabeto não

é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém quem tem experiência de vida e por isso também e, portanto, de um ser.

III - NARRATIVAS DE ARTESÃOS

Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência. (Walter Benjamin)

Até agora tratamos do encontro do artífice com sua obra, encontros marcados por possibilidades e impossibilidades, por planejamento e metodologias que expressem cada vez mais o sentido-vivido. Falamos da obra do artesão. Toda obra nos leva a algum lugar e, longe de ser o fim, marca um recomeço, uma inspiração para novas obras que passaremos a tratar.

Toda atividade de oficina, como toda atividade acadêmica, visa a produção textual desta feita procuramos abrir os guardados da pesquisa elaborados em oficinas ao longo de algumas décadas em diálogo com as oficinas realizadas no e pelo Grupo PIPAS-UFF. Não obstante, é possível revelar o potencial intelectual de uma metodologia de pesquisa como essa, capaz de ampliar os horizontes formadores em níveis diferenciados de coletas de dados e de reflexão sobre os mesmos. A pesquisa ação se faz presente neste e em outros inúmeros processos que envolvem a Pedagogia Social.

Coordenar uma oficina, independente do tema e do evento, no qual esteja inserida, demanda cautela, determinação e flexibilidade em consonância com o movimento intelectual advindo da realização da mesma. Longe de ser tarefa fácil, ela é complexa e envolve diálogo permanente, exposição pessoal e intelectual e, traz como seu maior desafio a articulação teórico-prática dos temas emergentes. Você é retirado da sua “zona de conforto” e se vê obrigado a trabalhar com o inesperado, o não planejado, o aleatório em dinâmicas constantes de produção diferenciadas de conhecimento. Há de se construir habilidades de trabalho em grupo e coletivo, na qual as múltiplas, variadas e complexas lógicas se fazem presente. Exige trabalhar com a diferença e inclusão, sob a perspectiva de não ser a nossa a única lógica existente.

Como o mote da oficina é teórico-prático, a produção textual se faz presente como necessidade imperiosa deste *saber-fazer*. É exatamente neste ponto que o coordenador, de posse de suas atribuições, solicita o registro do vivido-compreendido, em forma de apontamentos mais apropriados para cada participante. Nosso compromisso é a produção escrita individual em articulação com a produção escrita coletiva, movimento que exige a percepção de que o todo é muito mais do que a soma das partes. Torna-se o momento de detectar os múltiplos talentos existentes, para que através da expertise de cada componente da oficina cheguemos a um todo organizado. Exige maestria por parte do coordenador e o exercício de múltiplas habilidades adquiridas no decorrer de muitos anos de realização de oficinas. Cada oficina é uma oficina, porém é preciso buscar o generalizável.

É possível detectar nas oficinas um forte componente de potencialização dos seus integrantes, uma vez em que há, nesta atividade, o fortalecimento de todos os envolvidos. Todos se percebem capazes de contribuir, cada um do seu jeito, cada um de sua forma, mas todos são capazes de deixar sua marca pessoal em todas as fases do processo de uma oficina. Trata-se, portanto, de uma atividade de inclusão, na qual talentos são descobertos e potencialidades são expostas. Ninguém deve ficar sem contribuir no e para o coletivo e, se faz necessária uma concepção de convívio humano na qual a concepção de múltiplos saberes dialoguem, sem competição.

Vivenciamos em oficinas a revelação de um *saber-poder*, muitas vezes calado e desqualificado, por certos modelos de ciência e de escola. Nesta perspectiva, na qual todos podem, desde que queiram, há um aspecto promotor de liberdade de expressão e autonomia através do qual cada um se descobre a partir do não sabido e do intuído. As pessoas se potencializam e se descobrem portadoras de novas possibilidades de *ser* e de *estar* no mundo. Com a metodologia de pesquisa em oficinas, é possível afirmar o direito do exercício pleno do *dever* humano, ultrapassando as barreiras impostas pela interdição de políticas públicas equivocadas para a formação do educador social. A oficina é, antes de tudo, um *espaço-tempo* de *saber-fazer*, de *saber-poder*, e de potencializar.

A cada oficina realizada, novos achados, novas descobertas, novas desconstruções e construções. Longe de ser a panaceia da educação, a oficina é uma

metodologia de trabalho altamente afinada com a concepção do educador Social pesquisador, aquele profissional, intelectual em processo contínuo de formação.

É um *espaço-tempo* de múltiplas configurações no qual o *ser* está a serviço da ação humana no mundo, descomprometido com a competição, exclusão e submissão de muito. Falamos de um pleno processo de pesquisa revelador das potencialidades do *ser*, associado ao vir a ser constante em nossas vidas, não havendo espaços para a competição, ranking ou pódios. Falamos de um movimento de construção coletiva, através do qual, ampliamos nossas potencialidades em diálogo com a ampliação das possibilidades do grupo. Assim vamos percebendo que o avanço do todos está diretamente vinculado ao avanço do indivíduo; não havendo um sem o outro. Neste processo compreendemos que o ser humano faz parte de uma comunidade de destino, na qual todos crescem com o crescimento de um e, todos decaem com a queda de um.

No ponto em que nossas reflexões agora se encontram, é possível afirmar a existência de um vislumbre de felicidade para a raça humana, pois percebemos, através do diálogo entre o todo com as partes, a possibilidade do exercício de humanidade capaz de se direcionar a pesquisa e os pesquisadores. Sim, é um privilégio perceber e atuar desta forma. Traz sentido diferenciado à pesquisa e ao ato de pesquisar, imposto cada vez mais por práticas solidárias de superação humana. O pedagogo social é um artífice da educação. Falamos de outra lógica e de outra concepção de ciências... Mas por que não?

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Margareth Martins de. *Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras*. V. VIII, São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2015.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FIORI, Ernani Maria. *Aprender a dizer a sua palavra*. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Prefácio. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- GADOTI, Moacir. *Paulo Freire: uma Biobibliografia*, São Paulo, 1996.
- HOWARD, Gardner. *Teoria das Inteligências múltiplas*. Companhia das Letras. São Paulo, 2004.
- JARES, Xésus R. *Pedagogia da Convivência*. Tradução de Elisabete de Moraes Santana. Editora Palas Athena, 2008.
- LARROSA, Jorge Bondía. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes. 1. Ed. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora. 2016.
- MELO, Maria de Fátima Aranha Queiroz. Algumas aprendizagens construídas durante a brincadeira de pipa: o que está em jogo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200005. Acesso em 04 de fevereiro 2019.
- ROSA, Guimarães João. *Grande Sertão Veredas*. Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira, Primeira Edição, Rio de Janeiro, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2018.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente de; MOURA, Rogério Adolfo (Orgs.). *Pedagogia social*. São Paulo: Expressão e Arte, 2009
- SILVA, Roberto; SOUZA NETO, João Clemente de; GRACIANI, Maria Stela Santos. *Pedagogia Social. A Pesquisa em Pedagogia Social*. Expressão e Arte. V.10 – Tomo I. 1ª edição. São Paulo, 2017.
- XESÚS R. Jares. *Educar para a paz em tempos difíceis*. Tradução de Elisabete de Moraes Santana. Editora Palas Athena, 2007.